

O desemprego no DF

Começam a adquirir dimensões inquietantes os problemas sociais e econômicos do Distrito Federal. Ocupando uma área no centro geográfico do País, a capital brasileira está mais perto de todos, separada por uma distância média regular dos pontos extremos do território nacional. Essa geodésia, associada aos crônicos desnivelamentos sociais de várias regiões, fez convergir para a sede do Governo federal uma corrente migratória, que embora venha decrescendo, ainda se mantém muito alta em termos de migração.

A excessiva concentração populacional tem acarretado distorções na qualidade de vida desta capital e de suas satélites, pelos excessos de demanda dos equipamentos urbanos, da infra-estrutura social e da ordenação econômica. Na atualidade o governo local se defronta com uma escala de grandeza nos diversos setores da economia, acumulando problemas graves para a administração pública, assoberbada por uma pressão social crescente e sem alternativas de curto prazo para atendê-la.

Acresçam-se às questões do transporte coletivo — a solução do metrô encaminhada para ocorrer a médio prazo — as projeções dos serviços públicos de água e esgotos, de comunicações, de habitação, de segurança e de energia, com os respectivos parâmetros alcançando níveis de demanda próximos da saturação. Juntem-se, ainda, os dados levantados pela Codeplan sobre o desemprego em todo o Distrito Federal e ter-se-á uma visão de proporções assustadoras pela sua envergadura social.

Com uma população economicamente ativa somando 753 mil 300 pessoas, conforme estatísticas atualizadas daquele organismo público, o total de desempregados monta a 121 mil trabalhadores. Eis aí um perfil de proporções explosivas, colocando Brasília e suas cidades-satélites em desconfortável evidência negativa. Os 16 por cento de assalariados sem

ganhos para sobreviver fazem surgir uma realidade pungente para a capital da República. Exige-se, por isso mesmo, providências urgentes no sentido de enfrentar a questão social emergente por conta de tão afrontoso percentual. O reconhecimento já identificado dos elevados índices de custo de vida, vigentes no DF, dá uma conotação dramática ao problema, marcando esse contingente desamparado economicamente com o ferrete da pobreza e da miséria com as cores cinzentas do opróbrio social. É o desespero estendendo-se sobre milhares de lares e famílias.

O desempregado, sobretudo nas categorias de baixa renda, é um cidadão altamente potencializado para a marginalidade. Sem opções para sustentar a si e aos seus, qualquer indivíduo premido por necessidades insuperáveis pode ser empurrado para o descaminho das leis, ingressando na marginalidade quase compulsoriamente.

Urge, como se vê, encontrar soluções válidas e sustentáveis para enfrentar esse macroproblema, viabilizando os meios indispensáveis, de forma duradoura e confiável.

Consequência inelutável da recessão econômica, o desemprego em massa, pela sua perversidade sociológica, traz não apenas para o Governo do Distrito Federal, mas por igual para a União e a sociedade em seu conjunto, advertências que não podem nem devem ser subestimadas em sua gravidade. Urge, portanto, uma mobilização de meios e de fins para dinamizar os setores de produção, de transformação, de trocas comerciais e de serviços, abrindo espaços ao aproveitamento da mão-de-obra posta em disponibilidade por conta de uma crise crônica na economia. Trata-se de um desafio que não admite vacilação ou omissão para enfrentá-lo. A retomada do desenvolvimento é um imperativo que não poderá sofrer procrastinações.